

O ESCUDO DE ENEIAS: A REPRESENTAÇÃO DA CONSAGRAÇÃO DE AUGUSTO CÉSAR

NASCIMENTO, Danniele Silva do (Graduanda UFPB)
RÊGO, Nathália Pinto do Rêgo (Graduanda UFPB)
RIBEIRO, Prisciane Pinto Fabrício (Graduanda UFPB)
ALBERTIM, Alcione Lucena de (Orientadora)

Resumo: O presente trabalho objetiva elucidar a consagração de Otávio Augusto como *Princeps*, presente no Livro VIII, da **Eneida**, poema latino escrito por Virgílio no período clássico, mais precisamente entre 29 a.C. e 19 a. C. A partir do episódio do escudo de Eneias, observamos que a sucessão das cenas lá descritas trazem um enlace do mítico com o histórico, a fim de afirmar a linhagem divina de Otávio. Dentre os eventos representados no escudo, a Batalha de *Actium* foi decisiva na vida de César, pois, após este acontecimento, ele assume o nome Augusto, que vem do termo latino *augur* que significa que “o novo senhor tinha o poder divino de começar tudo sob feliz auspícios” (GRIMAL, 1984, p. 51).

Palavras-chave: Escudo; Consagração; *princeps*

Introdução

A **Eneida**, marco da Literatura Latina, é um poema épico encomendado por Augusto César a Virgílio. A Epopeia visa a um projeto político, cuja intenção seria eternizar a glória e o poder de Roma. Escrita em versos hexâmetros, dactílicos ou espondeicos¹, a obra trata das errâncias de Eneias, Herói Troiano, que tendo sido impelido pelo destino, sai das plagas de Troia, em direção ao Lácio a fim de erguer as muralhas da altiva Roma.

Foi em Homero que o poeta buscou os pressupostos para escrevê-lo. Por esse fator, encontramos diversas semelhanças com a **Ilíada** e a **Odisseia**, porém, é importante ressaltar que apesar de tomar como modelo as duas epopeias, Virgílio inova, desenvolvendo episódios que em Homero estão apenas pontuados, como por exemplo, o advento do cavalo de madeira, que é descrito com detalhes, no Livro II da **Eneida**, cujo argumento é a destruição de Troia. O poeta toma como base para a composição do poema, fatos históricos, que repousam na origem mítica de Roma, de modo a ratificar a divinização de Augusto como sendo determinada pelos deuses.

Como todo poema épico, a **Eneida** começa *in medias res*², ou seja, no meio dos acontecimentos: Tróia já foi destruída e o herói já está no sétimo ano de errância desde que partiu da cidade.

Partindo de uma estrutura triádica estabelecida por Milton Marques Júnior³, assim podemos sintetizar a análise geral dos doze Livros da obra:

¹O hexâmetro dactílico é constituído por seis pés, consta de cinco dactilos e no sexto um espondeu ou troqueu. Em todos os pés o dactilo pode ser substituído por um espondeu exceto o quinto pé. Um dactilo é uma sequência de três sílabas poéticas, uma longa e duas breves o que faz analogia as falanges do dedo que é uma longa e duas breves, visto que o termo grego dactilus “da////ktuloj” significa “dedo” e também é um termo de comparação de medida.

² “...semper ad euentum festinat et in medias res non secus ac notas auditorem rapit ...” (HORÁCIO, *Ars Poetica*, v.148 - 149) *In medias res* é um termo latino retirado da Arte Poética de Horácio que designa uma narrativa que começa no meio dos acontecimentos. É uma característica inerente a epopéia, i. é, segundo Horácio o poema épico não deve começar no princípio dos acontecimentos (*abouo*) mas *in medias res*, no meio dos eventos.

*Provações (Livros I-IV):*No momento em que Enéias é assinalado pelos deuses para efetuar a missão de fundar uma nova Tróia, a ele serão dadas inúmeras provações que consolidarão o seu rito de passagem. Nos Livros I, II e III, encontramos o herói troiano vivenciando as provações. No Livro I, perseguido pela ira da Juno; chega a Cartago, desviado por uma tempestade enviada pela deusa. No Livro II, utilizando o recurso narrativo *flashback*, Eneias relata a destruição de Tróia. No Livro III, ele narra sua errância por terra e mar depois da partida da cidade dardânia em chamas. O Livro IV trata dos amores de Eneias e da rainha Dido, em Cartago, onde, a mando de Júpiter, o herói é lembrado de sua missão por Mercúrio. Eneias parte de Cartago e este fato culmina no suicídio da rainha.

Rituais (Livros V- VIII) Os livros V a VIII são caracterizados pelos ritos que irão estabelecer a transição de Eneias como pai da pátria. O Livro V trata dos jogos fúnebres a Anquises após um ano de sua morte. O Livro VI é o marco da mudança do herói, no qual Eneias desce aos *Infernus* e sofre a *catabásis*. Lá encontra a alma do seu pai, Anquises, que reafirma o destino do filho como herói, através de uma prolepse sobre a grande descendência proveniente de Silvio Eneias, filho que tivera tardiamente com a princesa latina Lavínia. Em seguida, Eneias sofre a *anabasis*, emergindo ao mundo dos vivos. Suas ações posteriores convergirão para ratificar a *virtus* confirmada pela sua descida. O Livro VII é marcado pela chegada de Eneias ao Lácio e pelo ritual de sacralização do território onde será fundada a cidade. O Livro VIII, *corpus* do nosso trabalho, começa com a aliança entre Eneias e o árcade Evandro, que o apresenta as terras onde futuramente serão erguidas as bases de Roma, e se finda com o recebimento das armas forjadas por Vulcano para Eneias, a pedido de Vênus, mãe do herói. Dentre as armas, o escudo é de essencial importância, visto ser a arma que denota o equilíbrio na luta entre dois adversários. Logo, é no escudo que veremos a antecipação da soberania de Augusto, e conseqüentemente, da glória de Roma.

Combates (Livros IX-XII): Os três últimos Livros abordam o *Ingens Aeneas*, ou seja, o Magno Eneias, que após errar e adquirir a têmpera necessária, une-se ao Arcádio Evandro e ao Etrusco Tarcão, triunfando frente aos combates contra Turno, rei dos rútuos. Além de tomar posse da terra, Eneias assume Lavínia como esposa, que posteriormente dará o nome ao Reino de Lavínio. Tais fatos não estão explícitos no poema, porém podemos inferi-los a partir da descrição da morte de Turno e das prolepses presentes em todo decorrer da narrativa.

Desenvolvimento

Marco da literatura latina, a **Eneida** é um poema épico, escrito por Públio Virgílio Maro a pedido do imperador Otávio Augusto César. A epopeia busca enaltecer Roma, senhora do mundo, e, conseqüentemente, engrandecer a figura do Otávio como *princeps*. Dentre os doze livros que compõem a obra, delimitamos o Livro VIII como *corpus* para o nosso trabalho, mais especificamente os versos 626-731, os quais tratam da descrição do escudo de Eneias.

O escudo, dentre as armas que o herói porta, é de essencial importância, haja vista denotar a posição de equilíbrio do guerreiro dentro do combate. Por possuir o escudo dimensão e peso consideráveis, é ele o primeiro a ser abandonado no momento de fuga, caso haja desvantagem de um combatente em relação ao seu adversário. Logo, essa arma representa o ataque, pois em dadas circunstâncias é mortal, mas, sobretudo, ela é símbolo de defesa contra o inimigo.

A descrição dos episódios gravados no escudo é feita a partir dos olhos do próprio personagem, pois acontece no momento em que Vênus o entrega a Eneias, e ele, admirado com a beleza das imagens representadas, percorre com olhar atento a representação da futura glória de Roma, sem saber, no entanto, do que tratam. O primeiro episódio referido trata da origem mítica de Roma, o qual diz respeito ao nascimento dos gêmeos Rômulo e Remo, que foram amamentados por uma loba. A figura do animal concerne a Marte, por ser consagrado a ele, deus da guerra. Sendo o pai dos gêmeos, ele teria enviado a loba para que assistisse sua prole. Do mesmo modo que Marte guiava a juventude em suas conquistas territoriais, a loba guiaria Rômulo e Remo a fim de, posteriormente, fundarem Roma.

A segunda imagem descrita corresponde ao rapto das sabinas. Preocupado com a posteridade da cidade e com a escassez de mulheres, Rômulo organiza jogos solenes em honras divinas a fim de chamar a atenção dos povos vizinhos para ver a ascensão da cidade. Nesse ínterim, os sabinos comparecem aos jogos com suas mulheres e crianças. Durante o célebre evento, jovens romanos se lançam na captura das mulheres sabinas, tomando-as para si, fato que desencadeou a guerra entre os dois povos. O rei Tácio (originário da cidade de Cures) é nomeado chefe de guerra pela confederação sabina, para vingar o rapto de suas mulheres e findar com o progresso de Roma. Porém, com a reconciliação dos povos através da intervenção das mulheres sabinas, Romanos e Sabinos formariam um só povo. Tácio e Rômulo partilhariam entre si do poder sobre a cidade formada. Tácio habitaria na cidadela do Capitólio, e Rômulo, no palatino. Para Rômulo, permaneceria o nome da cidade, Roma, e para Tácio, mudaria o nome da população romana para Quirites.

A referência seguinte trata do evento de Mécio e Tulo. Estando em conflito romanos e albanos, e temendo os etruscos, *Mettius Fuffetius*, ditador albano e *Tulus Hostilius*, rei romano, entram em um acordo através do qual acertaram que a vitória da guerra seria através da participação dos gêmeos Horácios, para os romanos, e Curiácios, para os albanos. Para aquele que saísse derrotado, caberia a submissão ao povo vencedor. Coube aos romanos a vitória. Porém, a paz entre os dois povos não durou muito, pois para retomar o favor e o prestígio no meio de seu povo, Mécio levantou uma conspiração para destruir Roma. Ele incentiva a outros povos a declarar guerra contra Roma, a qual seja feita abertamente. Ganhada a guerra, Tulo arma cerco contra os albanos após fingir que não tinha conhecimento da traição do ditador albanos e o prende em dois carros com cavalos que, correndo em sentido contrário, dilacera-lhe o corpo arrastando os pedaços pelo chão.

Na sequência, vemos passagens que relatam o episódio de guerra declarada por Poserna aos romanos, usando como argumento a expulsão de Tarquínio de seu trono. Tarquínio, sendo expulso de Roma, pede apoio a Porsena, um rei etrusco, que utiliza esse fato como argumento para levantar uma guerra contra Roma. Cocles, tendo perdido seus companheiros pelos Tarquínios, enfrenta o exército inimigo sozinho na ponte Sublícia até que essa se rompesse e todos os soldados de Porsena estivessem afastados do Tibre. É pela posição de Cocles que foi destruída a única passagem mal guarnecida pelos Tarquínios. Depois vemos Clélia, refém, que garantia a Porsena a retirada. Ela liberta as companheiras e atravessa o rio a nado.

O poeta dá continuidade a narrativa descrevendo o episódio de Mânlio. Despertado pelo grasnar dos gansos, o romano repeliu um ataque noturno ao Capitólio que foi armado pelos gauleses em 390 a.C, os quais foram forçados a recuar de maneira abrupta. Posteriormente, Mânlio intercede pelas classes romanas mais pobres, prejudicadas por uma lei rígida concernente às dívidas. Esse fato acarretou uma

acusação a qual afirmava que Mânlio estava buscando se transformar em um tirano, por isso foi condenado à morte e lançado do alto da Rocha Tarpeia.

No centro do escudo está localizado a maior de todas as conquistas romanas, a Batalha de *Actium*, travada em 31 a.C. entre Otávio Augusto e Marco Antônio. Esse acontecimento é decisivo para a consolidação do domínio e do poder de Otávio e, conseqüentemente, de Roma.

A guerra é mostrada em todo o seu poderio bélico evidenciado pelo caráter descritivo do trecho. A imagem de Otávio é caracterizada por um esplendor divino cujas “têmporas alegres cintilam dupla chama e a constelação paterna lhe fulge sobre a cabeça”⁴. Tal divinização faz alusão direta ao deus Apolo que está auxiliando os romanos no combate e é ele que, durante toda a **Eneida**, direciona Eneias a seguir o seu destino.

Na Guerra, César possuía os elementos necessários para obter a vitória os quais estão presentes nos versos 675-679 do Livro VIII da **Eneida**:

*inmedioclassisaeratas, Actiabella,
cernere erat, totumque instructo Marte uideres
feruere Leucatenauoque effulgere fluctus.
hinc Augustus agens Italos in proelia Caesar
cum patribus populoque, penatibus et magnis dis*

No Meio, percebia-se as tropas bronzeadas, a Batalha de Áccio, tendo Marte provido todo Leucates, vejas ferver e luzir as ondas em ouro. Daqui Augusto Cesar trazendo os Itálicos em combates com o senado e os habitantes, os penates e os grandes deuses.

Então, podemos perceber a importante participação dos habitantes e dos pais da pátria como a presença política em potencial ao lado de Otávio e a referência aos penates e aos grandes deuses que aponta a aprovação e colaboração divina dando um enfoque religioso aliado à visão política. Esses aspectos dão para Otávio César a autoridade de estabelecer em Roma a sua posição de *princeps senatus*, pois ele não é visto pelo povo como simplesmente um líder ou ditador, mas é o insigne por possuir uma linhagem divina e ser aquele que está destinado a firmar a *Pax Romana*.

Triunfando sobre Marco Antônio, Otávio passa a ser chamado de “Augusto”, o que traz bons augúrios, consagrado e aclamado por todos.

Conclusão

Deste modo, vimos que o escudo figura como o principal armamento dentre os que Eneias recebera de Vênus, sua mãe, e é nesse fato que Virgílio se prende ao escolher exatamente essa arma como representação simbólica da glória do império de Otávio Augusto e sua aclamação como *princeps*.

A partir de uma descrição detalhada das cenas gravadas no escudo, o poeta se utiliza de fatos históricos aliados a mitos próprios da cultura greco-romana para afirmar a soberania augustana, inserindo nesse contexto elementos que darão a Augusto César uma posição política soberana, pois todos os episódios descritos estão dispostos de maneira a contribuir para a ascensão de Otávio Augusto como um líder romano, que

⁴VIRGÍLIO. **Eneida**; Tradução e notas de Tassilo Orpheu Spalding. 9ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 2010, p 171.

ocupava uma posição destinada a ele pelos deuses, uma vez que o imperador descendia de uma linhagem divina.

REFERÊNCIAS

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **A civilização romana**. Tradução de Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1984.

_____. **O século de Augusto**. Tradução de Rui Miguel Oliveira Duarte. Lisboa: Edições 70, 1992.

MARQUES JÚNIOR, Milton. “**Honra, Glória, Destino e Piedade: Introdução à Épica Clássica**”. Graphos: Revista da Pós-graduação em Letras – UFPB. João Pessoa: Idéia; Editora Universitária, 2007.

SARAIVA, F. R. dos Santos, **Novíssimo dicionário latino-português**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

VIRGÍLIO. **Eneida**; Tradução e notas de Tassilo Orpheu Spalding. 9ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

VIRGILE.L’**Énéide – Tome Premier**; textetraduit par Maurice Rat avec Introduction et notes. Éditions GARNIER Paris: LibrairieGarnierFrères, 1947.